

BERNARD LONERGAN: UM TEÓLOGO MODERNO COM FRAGMENTOS CÉTICOS?

BERNARD LONERGAN: A MODERN THEOLOGIAN WITH SKEPTICAL FRAGMENTS?

*Thadeu Lopes Marques de Oliveira**

Resumo: Esse artigo visa relacionar o pensamento de Bernard Lonergan – um dos principais metodologistas em teologia –, ao Ceticismo filosófico, levando em consideração que esse autor buscou pensar nos moldes da Modernidade e, essa possui elementos fundamentalmente céticos. Para tanto, de início, são apresentadas, por meio de um percurso histórico, as linhas gerais do Ceticismo Antigo e Moderno. Posteriormente, buscou-se mostrar como Lonergan se aproximou da Modernidade ao buscar superar e afastar-se de elementos da filosofia aristotélica, escolástica e neoescolástica, esse movimento de sua reflexão determinou as principais marcas do seu pensar. Em penúltimo lugar delineou-se a sua reflexão filosófica mais fundamental acerca do método. Por último, é apresentada a proposta metodológica em teologia de Lonergan. Ao passo que o pensamento de Lonergan é apresentado, busca-se mostrar e relacionar os possíveis fragmentos céticos presentes nele.

Palavras-chave: Bernard Lonergan. Ceticismo. Método em Teologia. Modernidade.

Abstract: This article aims to relate the thought of Bernard Lonergan - one of the main methodologists in theology - to Philosophical Skepticism, taking into account that this author sought to think along the lines of Modernity and that it has fundamentally skeptical elements. To do so, at first, the general lines of Ancient and Modern Skepticism are presented, through a historical path. Later, it sought to show how Lonergan approached Modernity by seeking to overcome and move away from elements of Aristotelian, scholastic and neo-scholastic philosophy, this movement of his reflection determined the main marks of his thinking. In penultimate place his most fundamental philosophical reflection on the method was outlined. Finally, Lonergan's methodological proposal in theology is presented. While Lonergan's thought is presented, it seeks to show and relate the possible skeptical fragments present in him.

Keywords: Bernard Lonergan. Skepticism. Method in Theology. Modernity.

1. Introdução

Danilo Marcondes sugere a hipótese de que o Ceticismo, corrente filosófica importante na Grécia Antiga, que teve seu auge aproximadamente até a época de Santo Agostinho, ressurge na Modernidade, porém, com outra configuração (talvez uma vertente diferente). Apesar disso, é um dos possíveis e principais fundamentos das

* Doutorando (bolsa VRAC (PUC-RJ)) e Mestre (bolsa CNPq) em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT). Membro do Grupo de Pesquisa: A teologia de Joseph Ratzinger e o Magistério de Bento XVI.

filosofias e dos métodos científicos que surgem nesse período. O Ceticismo e formas de pensamento semelhantes são verificáveis em filósofos modernos como René Descartes, Michel de Montaigne, Pierre Gassendi e David Hume. Ao aceitar a hipótese de que Bernard Lonergan é um teólogo que buscou pensar segundo a Modernidade¹, é possível talvez, encontrar em sua reflexão, um mínimo de Ceticismo. Além do mais, como apresentou Marcondes, teólogos do início da Modernidade adotaram o Ceticismo, explicitamente, em suas formas de pensamento². Em sua obra *Do sentimento trágico da vida*, o filósofo e escritor espanhol Miguel de Unamuno defende a tese de que nenhum crente é isento de dúvidas e, nenhum descrente é isento de duvidar da possibilidade de encontrar verdade naquilo que desacredita³. A presente pesquisa dispôs-se a encontrar tais elementos, principalmente na metodologia lonerganiana. A hipótese inicial é a de que talvez, o mais claro entre eles seja uma espécie de Ceticismo mitigado – configuração mais próxima às formas de Ceticismo Moderno, que tem como característica principal a dúvida. Danilo Marcondes afirma a respeito de uma das maneiras como o Ceticismo foi recepcionado na Modernidade.

A terceira posição corresponde à incorporação do Ceticismo, que levou ao que caracterizo como Ceticismo mitigado. Resultou principalmente da influência do Ceticismo Acadêmico e da posição probabilista, favorecendo a adoção do “provável”, e do “verossímil” como sucedâneos da verdade, que não poderia ser estabelecida por falta de critério definitivo. Essa posição influenciaria o desenvolvimento da ciência natural moderna, dada a ênfase em seu caráter experimental e em sua metodologia empírica. Em consequência, o conceito de ciência mudará, deixando de ser um saber teórico e dogmático, com respostas definitivas às questões que formula, e passando a se conceber como um saber em construção⁴.

Acerca da filosofia cética, essa pesquisa segue as hipóteses centrais propostas por Danilo Marcondes⁵ em: *As raízes da dúvida. Ceticismo e filosofia moderna*. A relação que buscamos não é a da dúvida enquanto descrença, o que seria absurdo – talvez – buscar

¹ MARTÍNEZ, Martínez. Dário. *Bernard Lonergan, un itinerario metodológico para la teología*. In: BAENA, Bustamante. Gustavo. *Los Métodos en teología*. Bogotá: Editorial PUJ. 2007, p. 81-85. É o que sugere o autor do artigo citado.

² MARCONDES, Danilo. *As raízes da dúvida. Ceticismo e Filosofia Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 57-72. Essa forma de Ceticismo Fideísta apresentada não é verificável no pensamento de Lonergan. Além disso o objetivo dessa reflexão não é relacioná-lo a tal forma.

³ UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida*. São Paulo: Hedra, 2013, p. 51-66.

⁴ MARCONDES, 2019, p. 40-41.

⁵ Esse autor, professor da PUC-RJ e UFF (Universidade Federal Fluminense), pode ser considerado uma das maiores autoridades em filosofia cética no Brasil. A quantidade e a qualidade das produções nesse tema testificam.

no pensamento de um teólogo. Muito menos é esse o substantivo (descrença) que caracteriza a filosofia cética. O termo caiu em uma espécie de mal uso na linguagem cotidiana. Até mesmo porque, a dúvida cética está mais ligada às questões epistemológicas – mas também pode ser aplicada em questões religiosas e cotidianas. O que se pretende encontrar é a dúvida que remete à humildade, ao não fechamento de questões, hipóteses imutáveis (o que descaracterizaria uma hipótese, passando a ser uma certeza, ou teoria, segundo o pensamento aristotélico, que tal autor visa superar em partes), certezas absolutas, a progressão no conhecimento, ou, se se aceita a noção de verdade, um alcance progressivo, nunca pleno, sempre parcial, em evolução. É possível encontrar tal postura em um teólogo, um sujeito que crê, um religioso? Talvez sim, mas isso não deveria ser uma questão que desqualifique a qualidade da sua fé (é possível medir?) – como muitos talvez julgariam. Essa espécie de dúvida, em questões religiosas, pode ser uma ajuda para combater formas de fundamentalismo agressivo, onde sujeitos dotados de pretensas ‘certezas inabaláveis’, usam a violência para defender, não o que creem, mas o que tem certeza.

Para tanto, primeiro serão apresentadas as linhas gerais do que é Ceticismo, por meio de um percurso histórico que busca abranger seu desenvolvimento e vertentes, partindo da Antiguidade até a Modernidade. Em segundo lugar, serão apresentadas as relações de Lonergan com o aristotelismo, a Escolástica e Neoescolástica, em sua busca por uma superação de elementos dessas em aproximação à Modernidade. Disso surgem os principais traços de Modernidade em seu pensamento. Em seguida será apresentada a sua noção básica de método, apoiada em três nomenclaturas por ele utilizadas. Por último, serão apresentadas as linhas gerais da sua contribuição ao método em teologia. Nesse percurso, buscaremos apresentar os traços do seu pensamento que podem ser hipoteticamente relacionados às formas de Ceticismo, principalmente o já referido nessa introdução (mitigado).

2. Ceticismo

O objetivo central dessa seção é apresentar, por meio de um percurso histórico, as características fundamentais das principais formas de Ceticismo. Para uma compreensão mais aprofundada de como o Ceticismo influenciou a filosofia e a ciência moderna é necessário saber o que é Ceticismo Antigo. Portanto, primeiro serão abordadas as formas de Ceticismo presentes na Antiguidade helênica. Além disso é fundamental também

compreender como essa filosofia foi retomada na Modernidade e a configuração resultante desse processo. Por isso, em segundo lugar, apresentar-se-á o que é chamado de “a retomada do Ceticismo” na Modernidade.

2.1. Ceticismo Antigo

Não existe apenas um Ceticismo, mas vários, inclusive no Helenismo⁶. Essa filosofia não se desenvolveu linearmente a partir da figura de um mestre fundador. Muito do que se sabe atualmente sobre ela, está fundamentado em reconstruções históricas. É uma tradição marcada por rupturas e ramificações. Marcondes afirma que um bom ponto de partida – uma fonte – para descrever o sentido de Ceticismo é um texto de Sexto Empírico, *Hipotiposes Pirrônicas*.

O resultado natural de qualquer investigação é que aquele que investiga ou bem encontra o objeto de sua busca, ou bem nega que seja encontrável e confessa ser ele inapreensível, ou ainda, persiste na sua busca. O mesmo ocorre com os objetos investigados pela filosofia, e é provavelmente por isso que alguns afirmaram ter descoberto a verdade, outros, que a verdade não pode ser apreendida, enquanto outros continuam buscando. Aqueles que afirmaram ter descoberto a verdade são os “dogmáticos”; assim são chamados especialmente Aristóteles, por exemplo, Epicuro, os estoicos e alguns outros. Clitômaco, Carnéades e outros acadêmicos consideram a verdade inapreensível, e os céticos continuam buscando. Portanto, parece razoável sustentar que há três tipos de filosofia: a dogmática, a acadêmica e a cética⁷.

Segundo Sexto há uma distinção entre a Academia de Clitômaco e de Carnéades (que se autodeclaravam céticos) e o Ceticismo. Para os acadêmicos encontrar a verdade é impossível (segundo Sexto). Os céticos, ao contrário continuam a buscá-la. O termo *sképsis*, primeiro do percurso cético (abordado em seguida), significa investigação, ou indagação. A posição cética não é caracterizada por um dogmatismo negativo. A filosofia cética não defende a impossibilidade de alcançar a verdade. A posição cética antiga pode ser caracterizada pela suspensão de juízo (*époche*) se algo é verdadeiro ou falso (não fechamento da questão). Essa seria, segundo Marcondes, a posição de Sexto, o defensor de um Ceticismo *efético* (*éphetikon*) ou suspensivo, o único a merecer esse nome, uma forma de pensamento tipicamente herdeira da filosofia de Pirro de Élis ((360-270 a.C.) dessa relação a possível confusão entre Ceticismo e Pirronismo). Marcondes afirma que,

⁶ MARCONDES, 2019, p. 21-28.

⁷ SEXTO EMPÍRICO, *Hipotiposes Pirrônicas*, I, 1.

segundo Sexto, os céticos se consideravam pirrônicos, pois Pirro teria dedicado seu pensamento a tal corrente. Marcondes defende uma divisão histórica bastante esclarecedora, para analisar a forma como as diferentes ramificações do Ceticismo antigo se desenvolveram e se entrecruzaram. A primeira seria o Protoceticismo, pois formas de pensamento céticas são encontradas nos pré-socráticos. A segunda é o Ceticismo inaugurado por Pirro de Élis, cujo pensamento pode ser conhecido por meio dos fragmentos deixados pelo seu discípulo Tímon de Flios (325-235 a. C.). A terceira, muito conhecida, é o Ceticismo acadêmico, que caracteriza uma fase da Academia de Platão (Média Academia), seu precursor é Ascesilau e vigorou até Carnéades e Clitômaco (representante da Nova Academia). Esse período da Academia de Platão é conhecido sobretudo pelo diálogo de Cícero *Academica (priora et posteriora)*. Por último, o Pirronismo ou Ceticismo Pirrônico, representado por Enesidemo de Cnossos, um discípulo da Academia de Platão que buscou reviver o Ceticismo com fundamento no pensamento de Pirro⁸.

Embora Pirro seja considerado – sob debate infundável – o fundador dessa corrente, é possível apontar outros precursores no Protoceticismo. Demócrito de Abdera e os atomistas posteriores como Metrodoro, mestre de Pirro. Além desses, podem ser destacados os Mobilistas (mobilidade do real) discípulos de Heráclito (“não é possível se banhar no mesmo rio por uma segunda vez”, relatividade do real, de difícil apreensão)⁹. Crátilo e os sofistas, como Protágoras, defensor do relativismo. Tais filósofos são alvos de Aristóteles no livro IV da *Metafísica*, quando supostamente sustentavam que o princípio da não contradição deve ser pressuposto mesmo por aqueles que exigem provas de todos os princípios, ou que afirmam que algo é e não é, uma vez que esse princípio é pressuposto pela simples existência do discurso significativo ou declarativo. Esse fato mostra que Aristóteles, buscava combater, senão pelo menos o Ceticismo, ao menos, alguns elementos céticos nesses filósofos. Esses desconfiavam dos dados sensoriais e defendiam a tese do movimento do real que torna o conhecimento instável, a relatividade do conhecimento e as circunstâncias do sujeito conhecedor. Esses temas aparecerão nos *Tropos de Enesidemo*, importantíssimo texto da tradição cética¹⁰.

⁸ MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia. Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 94-95.

⁹ HERÁCLITO, Fragmentos. In: *Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Os pensadores originários*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 95. Tal citação remete-se ao Fragmento 91.

¹⁰ MARCONDES, 2007, p. 95.

Pirro é considerado por um número significativo de historiadores do Ceticismo como um fundador enquanto corrente consolidada. Ao que se sabe, provavelmente não haveria escrito nada. Assim como Sócrates, foi daqueles filósofos que acreditava ser a filosofia não uma doutrina, mas principalmente um modo de vida (*phronesis*)¹¹. Pirro defendia as seguintes teses: nem os sentidos nem a razão nos permitem conhecer a natureza das coisas, as tentativas resultam em fracasso, por isso deve-se não assumir posturas rígidas acerca de qualquer suposto conhecimento. Essa postura nos leva à tranquilidade. O Ceticismo compartilha com o Estoicismo e o Epicurismo uma preocupação ética. A filosofia de Pirro visa atingir a *ataraxia* (impertubabilidade) e a *eudaimonia* (felicidade). Apesar da filosofia cética levar a um distanciamento, inação (*apraxia*) e indiferença as sensações (*apathia*), Pirro teria vivido como um cidadão ativo e respeitado na sociedade grega. Esse exemplo responde a um possível equívoco e mostra que o Ceticismo não implica necessariamente em uma ruptura com a vida prática, mas defende uma práxis mais moderada (*metriopatheia*)¹².

Uma fase da Academia de Platão – como já foi evocado – é responsável por um dos períodos de desenvolvimento mais importantes da filosofia cética. Em decorrência disso, filosofia acadêmica e Ceticismo, imprecisamente, soam como sinônimos. Em decorrência disso, cada vez mais, os estudiosos têm buscado precisar melhor a distinção entre Ceticismo Pirrônico e Acadêmico. Santo Agostinho, em seu diálogo *Contra os Acadêmicos*, identificou a Academia de sua época com o Ceticismo¹³. Alguns historiadores têm sugerido a hipótese de que o Ceticismo da academia tenha se desenvolvido de forma autônoma a partir dos elementos céticos no pensamento de Platão. Talvez, esclarece Marcondes, essa identificação seja fundamentada em dois fatos. Primeiro: uma possível influência de Pirro de Élis sobre Arcesilau. Segundo: a presença de elementos céticos no pensamento de Platão¹⁴. Por isso, nessa fase da Academia, Platão foi interpretado como um cético. Tais elementos do seu pensamento, que justificam tal identificação, talvez sejam: o modelo da dialética socrática nos diálogos da primeira fase, em que as oposições de pensamento geram o conflito; o caráter aporético (*aporia*), inconclusivo, desses, e de outros diálogos; a admissão da ignorância (“só sei que nada

¹¹ MARCONDES, 2007, p. 95-96.

¹² MARCONDES, Danilo. *La inocencia por la que se debe luchar: el escepticismo y la idea de filosofía como terapia*. In: Revista Latinoamericana de Filosofía, v.19, 1993, p. 81-96.

¹³ SANTO AGOSTINHO. *Contra os Acadêmicos*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 12-25. Considera-se que Santos Agostinho é um marco de refutação do Ceticismo mais por questões históricas do que filosóficas.

¹⁴ MARCONDES, 2019, p. 26-28.

sei”); a influência do diálogo *Teeteto* – sobre o conhecimento – onde nenhuma definição dada sobre o que é pensar e conhecer é conclusiva e aceitável. Essa leitura de Platão é considerada seletiva e parcial, mas foi muito usual no período em questão e influenciou de forma significativa o desenvolvimento do pensamento helênico¹⁵.

O Ceticismo acadêmico deve ser avaliado sob a perspectiva de sua controvérsia com os estoicos, sobretudo a respeito da questão sobre o critério de verdade que serviria como base para epistemologia estoica. Os cétricos argumentavam com a dúvida sobre a possibilidade de se adotar um critério de verdade imune ao questionamento, ao passo que os estoicos defendiam a noção de “apreensão cognitiva” como base para sua epistemologia¹⁶. O que caracteriza o Ceticismo Antigo é a noção de *époche*¹⁷, estratégia central da argumentação cética. É discutível se essa noção já se encontra em Pirro. O mais provável é que essa noção ainda não tivesse sido desenvolvida por ele, mas sim a *apraxia*, *aphasia*, *apathia* e *ataraxia*. O mais provável é que a *époche* tenha sido usada primeiro pelos estoicos. É parte da doutrina estoica, que o sábio autêntico deve suspender o juízo, em relação ao que é inapreensível, para evitar afirmações falsas. Em sua polêmica contra o Estoicismo, Arcesilau defendia a tese de que se deveria suspender o juízo a respeito de tudo. Pelo fato de que, segundo os cétricos, não é possível um critério de verdade imune aos questionamentos, deve-se suspender o juízo acerca, até mesmo, sobre os critérios. Em oposição ao estoicismo o Ceticismo Antigo define sua atitude central, a *époche*, suspensão de juízo¹⁸.

O percurso do cético pode ser outro bom ponto de partida para conhecer melhor o que é Ceticismo Antigo¹⁹. O Ceticismo se caracterizaria também como um procedimento, segundo o qual, os filósofos em sua busca pela verdade se defrontariam com uma variedade de teorias (o dogmatismo). Essas posições encontram-se em conflito (*diaphonia*), uma vez que são mutuamente excludentes. Dada a ausência de critério para uma decisão chega-se à equipolência (*isosthenia*). Diante da impossibilidade de decidir o cético suspende o juízo (*époche*), e livra-se de toda inquietação. O esquema seria: *zétesis*

¹⁵ MARCONDES, 2007, p. 96.

¹⁶ MARCONDES, 2007, p. 96-97.

¹⁷ MARCONDES, Danilo. *Juízo, suspensão de juízo e filosofia cética*. In: *Kriterion: Revista de filosofia*, Belo Horizonte, 1996.

¹⁸ MARCONDES, 2019, p. 27-28.

¹⁹ MARCONDES, 2007, p. 97-98

(busca), *diaphonia*, (conflito), *aporia*, (impásse), *isosthenia* (equipolência), *époche* (suspensão do juízo), *ataraxia* (tranquilidade), *eudaimonia* (felicidade)²⁰.

Se levado às últimas consequências, o Ceticismo pode gerar uma espécie de paralisia da busca e processo de conhecimento, bem como o agir na vida cotidiana²¹. Tendo essa questão no horizonte de reflexão, Arcesilau (acadêmico) recorreu à noção de *eulogon*, razoável; já que não é possível afirmar nada, resta o razoável. Ainda nesse âmbito da questão, Carnéades pode ser considerado o formulador das primeiras noções do probabilismo; diante da impossibilidade da certeza deve-se adotar como critério o provável (*pithanon*). Carnéades chega mesmo a formular níveis: provável, provável testado e o provável testado irreversível. Essa posição levou a Academia a uma espécie de dogmatismo, já que a quase certeza tornou-se um critério.

Embora provavelmente a *époche* não se encontre ainda no ceticismo de Pirro, é em torno dessa noção que se dá a caracterização do Ceticismo na tradição do helenismo. E é, em grande parte, a diferença de interpretação do papel e do alcance da *époche* que marcará a ruptura entre Ceticismo acadêmico e Ceticismo pirrônico²².

Com a transformação do Cristianismo em religião oficial de Roma, a partir do século IV, as filosofias pagãs perderam certa influência. A doutrina cristã dessa época tinha um traço fortemente doutrinário, visto a sua massiva propagação, diminuiu espaço do Ceticismo. Porém alguns teólogos cristãos utilizaram argumentos céticos, sobretudo a noção de *diaphonia*, exemplo: Eusébio de Cesareia e Lactâncio, para mostrar que a filosofia dos pagãos era incerta, marcada por conflito e incapaz de alcançar a verdade. Porém é em 386, ao escrever o *Contra os acadêmicos*, que Santo Agostinho desferiu um golpe quase que fatal nessa filosofia²³. Dada a influência desse pensador e os traços gerais da reflexão Medieval, o Ceticismo entrou em uma espécie de suspensão, salvo algumas raríssimas exceções²⁴.

²⁰ MARCONDES, 2019, p. 28-32. As páginas referidas tratam-se um comentário muito elucidativo sobre o percurso do cético.

²¹ Acerca dessa questão é possível remeter-se ao capítulo do livro *As raízes da dúvida*, intitulado: *Rústicos x Urbanos*. Sobre a questão do insulamento (p. 157-173). Insulamento é o conceito filosófico utilizado para indicar a separação feita entre as questões especulativas da filosofia e a vida cotidiana. Também: PORCHAT, Oswaldo. *Vida comum e Ceticismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

²² MARCONDES, 2007, p. 99.

²³ MARCONDES, 2007, p. 99.

²⁴ MARCONDES, Danilo. *Há Ceticismo no pensamento medieval?* In: BONI, L. Alberto. *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1995.

2.2. A retomada do Ceticismo Antigo na Modernidade. Uma nova configuração?

O Ceticismo foi praticamente ignorado na Idade Média. Curioso é que tenha ressurgido de maneira tão forte no início do pensamento Moderno. Em sua obra *História do Ceticismo de Erasmo à Espinoza*, Richard Popkin defende a hipótese de que essa corrente antiga foi fundamental para formação de grande parte de filosofias e da ciência moderna²⁵. O interesse pelo Ceticismo Antigo se dá como parte do movimento de retomada aos clássicos, no contexto do Renascimento. Nesse interim, se destacada a obra de Cícero, mestre latino de retórica e oratória, preocupado com a ética e questões políticas, elementos sobremaneira muito valorizados pelo Humanismo²⁶. Esse autor é, sem dúvida, um dos mais influentes do retorno aos clássicos. Por ter sido bem quisto por Santo Agostinho, foi também muito valorizado pela tradição cristã, fato que ajudou indiretamente na retomada do Ceticismo Antigo. Sobretudo, pois esse autor, um eclético²⁷, escreveu também um diálogo sobre o Ceticismo, *Academica*, uma das principais fontes da retomada do Ceticismo nesse contexto. Outra importante fonte dessa retomada é a obra *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*, de Diógenes Laércio. A obra de Sexto Empírico, principal fonte do Ceticismo Antigo, fora então traduzida para o latim e influenciou fortemente o pensamento filosófico acerca da natureza humana e a possibilidade de conhecimento em Michel de Montaigne, David Hume e Immanuel Kant. O contexto da época, marcado por crises políticas, rupturas religiosas (Reforma Protestante), descoberta da América e a revolução científica, preparou um ambiente intelectual propício à dúvida e ao questionamento²⁸. Como foi apresentado, os cétricos tinham como marca o questionamento das posições dogmáticas e apontavam para a inexistência de um critério decisivo para resolução da oposição entre as diferentes doutrinas. Além disso os cétricos questionavam a possibilidade do conhecimento e os limites cognitivos da humanidade, tema recorrente na filosofia moderna até Kant²⁹.

Marcondes considera Nicolau de Cusa um precursor no tratamento da temática – desse contexto – dos limites do conhecimento humano. Essa superação, segundo esse autor, em *De docta ignorantia*, se daria por meio da fé, o elemento divino na natureza

²⁵ POPKIN, Richard. *História do Ceticismo de Erasmo à Espinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 2003.

²⁶ LINS, Ivan. *Erasmo a Renascença e o Humanismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

²⁷ Corrente filosófica da antiguidade helênica muito conhecida por mesclar elementos das diferentes escolas de filosofia do período.

²⁸ MARCONDES, 2019, p. 35-36.

²⁹ MARCONDES, 2007, p. 159-160.

humana. Para ele todo conhecimento é conjectural, bem como é impossível alcançar qualquer espécie de certezas. Foi um dos primeiros desse período a atacar a lógica aristotélica, propondo em seu lugar uma espécie de matemática probabilista. Outro autor que segue uma linha semelhante é Cornélio Agripa de Nettesheim. Em *De incertitudine et vanitate scientiarum et artium*, defende que a fé é a única saída para os impasses que o pretense conhecimento humano traz para si. Característica principal do Ceticismo Fideísta. Outro autor que questionou a ciência tradicional e o método aristotélico foi Francisco Sanchez. Em *Quod nihil scitur*, confronta o ideal de uma ciência dedutiva, defendendo a experimentação e a verificação como único método aceitável, mas que proporcionaria apenas conclusões aceitáveis em nível provisório – traço central do Ceticismo acadêmico presente no espírito moderno³⁰.

Porém, Michel de Montaigne que é considerado pelos especialistas na relação entre Ceticismo e Modernidade como o principal representante dessa ligação, visto que foi uma grande influência em Descartes, um dos precursores por excelência da Modernidade. Na sua maior obra, *Ensaíos*, Montaigne faz uma apresentação dos argumentos e dos princípios básicos do Ceticismo Antigo, que serviu de ponto de partida para muitos debates sobre o Ceticismo nos dois séculos seguintes. Seu Ceticismo é mais equilibrado em questões epistemológicas e éticas. Defendia a tolerância religiosa e buscou aplicar seus ideais céticos às questões ligadas às guerras religiosas que ocorriam na França à época. Segundo Montaigne, não possuímos argumentos para a defesa da verdadeira religião. Adota, além disso, um fideísmo moderado. O maior valor está na fé e não simplesmente na razão – essa não alcança a verdade em matéria de religião –, os conflitos e a *diaphonia* podem ser diluídos. Para ele a fé não precisa de justificativa racional (não necessidade da teologia em moldes escolásticos, (*fides quarens inttellectum ou intteligam ut credum*)), trata-se de uma experiência particular de cada indivíduo. Marcondes considera a visão cética, fragmentariamente fideísta, desse autor como um dos pontos de partida do subjetivismo e do individualismo presentes em obras de filósofos modernos, como René Descartes³¹.

Descartes afirmou que é necessário levar os argumentos céticos a sério e, contra eles, buscou justificar uma doutrina metódica do conhecimento que justificasse o arcabouço da nova ciência. Para refutá-lo entendia que era necessário levá-lo às últimas consequências. Com isso chega-se à certeza irrefutável, segundo ele, o sujeito pensante,

³⁰ MARCONDES, 2007, p. 160-161.

³¹ MARCONDES, 2007, p. 161.

a subjetividade o eu absoluto³², um dos fundamentos centrais da filosofia Moderna. Descartes, em sua radicalização da dúvida metódica, para muitos comentaristas, não refutou o Ceticismo, ao contrário, o introduziu no pensamento moderno, ajudou a desconstruir o conceito antigo de conhecimento como certeza fundamentada em ciência e forneceu critérios para os alicerces de uma ciência baseada no probabilismo, razoabilidade, algo fragmentado e sempre em construção. Na esteira dessa questão relativa à Descartes, Marcondes define a dúvida como a principal característica do Ceticismo moderno³³. Para finalizar essa seção, conclusiva e elucidativa é a seguinte citação.

Em primeiro lugar, havia a tentativa de refutação do Ceticismo. A filosofia cética, pela incerteza que introduz, pelos conflitos que formula, pelo questionamento da tradição, constituiria um pensamento negativo, sobre o qual nada se constrói. Assim, não contribuiria para o desenvolvimento da ciência moderna e das novas teorias, que se opunham às antigas teorias e deveriam ser defendidas como o melhor caminho para o novo pensamento. Esta era, por exemplo, a posição de Descartes, pelo menos segunda algumas interpretações. E o argumento ‘cogito’ seria representativo dessa posição. Em segundo lugar, havia a superação do Ceticismo. Ou seja, a retomada da filosofia cética teria gerado questionamentos e incertezas, mas seu papel seria exatamente esse. O Ceticismo seria um momento inicial da razão que, reflexivamente, examinaria seus limites e pressupostos, podendo, a partir daí, prosseguir como pensamento crítico. Ao levar em conta as questões céticas, o pensamento agora estaria bem mais preparado para o processo de construção de uma ciência dogmática. O trecho de Kant citado no tópico anterior ilustra essa concepção de Ceticismo propedêutico ou preparatório para o desenvolvimento do conhecimento³⁴.

A citação acima mostra como até mesmo Kant considerou importante a filosofia Cética. O Ceticismo seria também um dos catalizadores para o direcionamento da reflexão filosófica para a estrutura cognitiva do sujeito. Da dúvida, a reflexão filosófica moderna chegou ao sujeito. Do sujeito se chegou à dúvida, ao passo que a dúvida se tornou um possível critério.

³² MARCONDES, 2007, p. 169-178.

³³ MARCONDES, 2019, p. 126-136.

³⁴ MARCONDES, 2019, p. 40.

3. Por uma superação do aristotelismo, escolasticismo e neoescolasticismo

Bernard Lonergan (1904-1984) foi um jesuíta canadense. Doutorou-se em teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma em 1940. Lecionou em diversas universidades no Canadá, Itália e Estados Unidos. É considerado por alguns teólogos e filósofos como um dos grandes pensadores do século XX. Suas contribuições mais expressivas estão no campo da metodologia teológica; a mais conhecida é *Método em Teologia*. Além disso contribuiu consideravelmente para o campo da epistemologia e filosofia da ciência com a sua obra *Insight*³⁵. Nessa obra, segundo Mendo C. Henriques está uma proposta ousada e original sobre uma teoria da ciência³⁶. Conhecedor da obra de Gadamer e de Betti (e da história da hermenêutica), e, buscando uma proposta hermenêutica que leve em consideração as tensões existentes nesse campo, Lonergan tentou compor perspectivas para a hermenêutica teológica, todavia, pelo rigor e originalidade de sua formulação, sua tese possui, segundo Gaspare Mura, importância para a discussão filosófica. “E aqui está o elemento original de Lonergan, o primeiro autor a relacionar com fundamentos sólidos hermenêutica e metafísica, relação que buscou manter no contexto da filosofia hermenêutica contemporânea”. Característica principal do pensamento de Lonergan é a *inter/transdisciplinaridade*³⁷. Deve-se levar em consideração que a Hermenêutica, enquanto disciplina – até mesmo sua ramificação mais universal e filosófica – é um fruto da Modernidade³⁸. Mendo C. Henriques esclarece que Lonergan não busca uma simples superação da metafísica, sucumbindo à crítica dirigida contra ela acidamente, mas propõe uma metafísica crítica. Tal comentarista de Lonergan salienta como seu pensamento recebe a influência de diversas correntes filosóficas confluindo em propostas e reflexões originais³⁹.

Segundo Pasquale Giustiniani, Lonergan buscou formular um método teológico que estivesse à altura das exigências filosóficas e culturais da Modernidade, sendo um dos primeiros teólogos metodólogos católicos a fundamentar seu pensamento nas categorias filosóficas desse período, enxergando nele não uma espécie de paradigma antagônico ou herético – como muitos conservadores e tradicionalistas extremados de sua época –, mas

³⁵ MARTÍNEZ, 2007, p. 81.

³⁶ HENRIQUES, Mendo Castro. *Bernard Lonergan e o Insight*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 12-25.

³⁷ MURA, Gaspare. *L'ermeneutica come verità e metodo: Lonergan*. In: MURA, Gaspare. *Ermeneutica e verità. Storia e problemi della filosofia dell'interpretazione*. Roma: Città Nuova Editrice, 1997, p. 326-327.

³⁸ GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999, p. 23-45

³⁹ HENRIQUES, Mendo Castro. *Bernard Lonergan. Uma filosofia para o século XXI*. São Paulo: É Realizações, p. 60-80.

uma oportunidade de crescimento para as reflexões teológicas. Apesar disso, Lonergan buscou revalorizar alguns conteúdos de sua tradição⁴⁰.

Formado nos cânones aristotélicos segundo a escolástica e neoescolástica, soube determinar o seu valor, mas também, apontou para as suas inúmeras limitações. Em seu artigo *Teologia em novo contexto*, Lonergan mostra a urgente necessidade da teologia católica, ainda limitada aos métodos escolásticos, repensar sua metodologia para que seja capaz de responder às questões do contexto moderno. Segundo ele, para as novas interpelações e quebras de paradigmas é necessário um novo método. As ciências naturais desenvolveram seus métodos, e esses são critérios para uma análise comparativa e crítica para com o método teológico enrijecido, basicamente composto por deduções lógicas das Sagradas Escrituras, do Magistério e da tradição⁴¹. Para Martínez, Lonergan foi sensível à uma grande limitação da teologia católica, que arrogava para si o estatuto de ciência, ainda aferrada à noção científica fundamentada em Aristóteles. Lonergan tinha um senso histórico muito apurado. Conseguia compreender o valor de Santo Tomás de Aquino que buscou na filosofia de Aristóteles um fundamento científico para responder às questões pertinentes à sua época. Equívoco é, segundo ele, tentar reproduzir exatamente o mesmo, crendo que na atualidade às questões culturais que animam a teologia são as mesmas. Para Lonergan, a teologia católica demorou, foi tardia, em responder (adequar-se) às interpelações da cultura moderna. Outro grande erro da teologia católica foi pensar que as categorias filosóficas do passado, condicionadas historicamente, eram constitutivas da razão⁴². Significativa para ilustrar essas afirmações é a seguinte citação:

O pensamento aristotélico ignora não só o conteúdo, mas também a natureza da ciência moderna; não está equipado para distinguir nem para relacionar entre si as ciências naturais, as ciências humanas, a filosofia e a teologia. É incapaz de proporcionar os fundamentos para o adequado funcionamento e colaboração entre elas; seu sistema conceitual em parte deve ser revisado e em parte deve fundamentar-se em noções da ciência e filosofia moderna⁴³.

A ciência moderna, em relação à aristotélica, não possui apenas metodologias diferentes, mas conteúdos e objetos. A ciência moderna ocupa-se principalmente com a

⁴⁰ GIUSTINIANI, Pasquale. *Bernard Lonergan*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 20-35.

⁴¹ LONERGAN, Bernard. *Theology in its new context*. In: RYAN, Walter; TYRRELL, Brendan (Eds.). *A second collection*. London: Darton Lorman, 1974, p. 55-67.

⁴² MARTÍNEZ, 2007, p. 83.

⁴³ LONERGAN, Bernard. *La teologia y otras disciplinas (Una mente despierta)*. Conferencia em el Thomas More Institut de Montreal (25/02/1969). Disponível em: www.lasalle.org.ar/sap/lonergan/textosdelecturadebernardlonergan.htm. Acesso em: 12/07/2020.

verificação, ao passo que a ciência antiga, estava preocupada em exibir a estrutura necessária de algo (por meio da lógica), um saber universal. A ciência moderna se move por hipóteses que necessitam de verificação, é experimental. Esse princípio foi fortemente desenvolvido e exportado pela tradição do Empirismo Inglês⁴⁴. Para Aristóteles a ciência era um saber verdadeiro e certo, para a ciência moderna o saber é o saber do possível, do provável, do verificável (Ceticismo mitigado, Ceticismo acadêmico com elementos probabilísticos). A verdade e a certeza são conceitos limite, pois o conhecimento de algo é sempre progressivo, nunca pleno. Lonergan busca uma metodologia que atenda à essa característica. Precisamente nessa questão é possível enxergar relações entre o pensamento de Lonergan e o Ceticismo. No *Insight* de Lonergan existe um capítulo inteiramente dedicado à uma visão de mundo como probabilidade emergente⁴⁵.

O conhecimento universal não é um objetivo, mas sim uma possível ferramenta de controle do concreto que aproxima de forma cada vez mais precisa o observador da realidade. A ciência aristotélica era formulada tendo como base um corpo rigoroso de silogismos (lógica), que são retirados da mente, logo o cientista pode ter um conhecimento universal e completo. Danilo Marcondes salienta como o Ceticismo Antigo já buscava confrontar determinadas teorias da lógica, principalmente a estoica⁴⁶. Nessa questão é possível encontrar uma relação mínima de Lonergan com algumas manifestações do Ceticismo Antigo. Apesar dessa possível relação, Lonergan não descarta o valor do rigor e precisão no pensamento que a lógica pode ajudar a refinar.

Essa noção não é presente na ciência moderna, nenhum cientista é capaz de conhecer a totalidade de sua disciplina. O conhecimento é compartilhado pela comunidade científica, que avança. Para Aristóteles a ciência básica e fundamental é a metafísica, da qual as outras áreas extraem seus conceitos básicos. A ciência moderna retira seus conceitos das observações, das relações retiradas dos dados empíricos⁴⁷. Lonergan entende que a teologia contemporânea precisa se vincular cada vez mais a metodologia das ciências modernas:

A teologia católica contemporânea em sua prática atual ganhou os traços de uma ciência moderna, porém, em um conflito de tipo neurótico, junto com essa prática, se encontra escondida, na mente de muitos teólogos, algumas suposições e implicações que surgem dos

⁴⁴ CASTAGNOLA, Luís; PADOVANI, Umberto. História da Filosofia. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977, p. 315-336.

⁴⁵ HENRIQUES, 2011, p. 70-80.

⁴⁶ MARCONDES, 2019, p. 42-46.

⁴⁷ MARTÍNEZ, 2007, p. 83-84.

analíticos posteriores de Aristóteles. Sem dúvida os teólogos sempre reconheceram que sua disciplina não era uma ciência em sentido aristotélico; nesse sentido pode-se chamar ciência só por analogia. Na Modernidade, nenhuma ciência satisfaz o requisito aristotélico. Continuar pensando na teologia analogamente como uma ciência só é perpetuar uma longa lista de noções e princípios enganosos⁴⁸.

Martínez salienta que para Lonergan outra preocupação é o novo valor dado à história. Essa ciência recebeu uma nova impostação e significação a partir do século XIX. A evolução metodológica que as ciências humanas sofreram afetou frontalmente a teologia, e essa não pode deixar de se adequar. A virada universal e filosófica da hermenêutica proporcionou fundamentos importantes para o desenvolvimento das ciências humanas, e, de igual forma, a teologia precisa apropriar-se também desses desenvolvimentos⁴⁹. As principais fontes da teologia são documentos, que em sua maioria são de épocas passadas e de outras culturas. Os cientistas humanos, em sua grande maioria os historiadores, precisam lidar com reconstruções hipotéticas do passado, levando em consideração o presente. A teologia muitas vezes ignorou tal realidade, partindo de noções metafísicas, cridas como acima da história. Para Lonergan continuar operando metodologicamente dessa forma é ignorar os desenvolvimentos filosóficos, hermenêuticos e científicos. Os maiores desenvolvimentos metodológicos que a teologia católica recebeu só foram possíveis graças aos desenvolvimentos dos métodos modernos de investigação histórica. Todos os textos da Tradição, inquestionáveis, passaram a ser analisados criticamente assim como outros textos, passando a ser vistos também como dados de culturas passadas, o que proporcionou com o tempo uma maior compreensão dos contextos em que foram produzidos. Negar o valor de tais desenvolvimentos é como um regresso⁵⁰.

Uma das principais mudanças que afetou positivamente a teologia foi mudança da compreensão do papel da filosofia. Antes, a filosofia era uma serva da teologia⁵¹. Com a sua autonomia no ocidente, graças aos esforços modernos, foi possível um giro em direção ao sujeito e um desenvolvimento da subjetividade. O eu pensante torna-se objeto e, conseqüentemente uma questão para si mesmo. A relação sujeito-objeto, um dos fundamentos da reflexão kantiana, posteriormente desenvolvida por Fichte e Schelling,

⁴⁸ LONERGAN, Bernard. *La teologia y otras disciplinas (Una mente despierta)*. Conferencia en el Thomas More Institut de Montreal (25/02/1969). Disponível em: www.lasalle.org.ar/sap/lonergan/textosdelecturadebernardlonergan.htm. Acesso em: 12/07/2020.

⁴⁹ GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 32-36; 67-69; 103-112.

⁵⁰ MARTÍNEZ, 2007, p. 85-86.

⁵¹ PAUL, Gilbert. *Introdução à teologia medieval*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 121-140.

será um dos ápices da reflexão, na modernidade alemã (filosofia clássica alemã)⁵². Tal tradição influenciou significativamente em Lonergan. Os teólogos do século XX começaram a utilizar esse instrumental recepcionando aportes da filosofia transcendental, fenomenológica, existencialista, personalista, marxista entre outras, com o objetivo de responder à sua época e cultura. Lonergan, observa Martínez, acredita que muitas falhas de sistematicidade e autenticidade em determinadas teologias se devem justamente pois não lançam mão desses desenvolvimentos. Para o canadense, a teologia tem profunda necessidade da filosofia, pois essa é capaz de mostrar ao teólogo o que faz quando produz teologia. Um dos principais contributos da filosofia é que ela é capaz de mostrar ao teólogo como funciona o pensamento humano, suas operações. Para Lonergan quando o teólogo é capaz de responder, fazendo uso da filosofia, como conhece algo, por que fazer isso é conhecer e o que ele conhece quando conhece, aí está capacitado para sua tarefa. Uma investigação filosófica prévia é o que permite à teologia consciência de si mesma. Sua obra filosófica de maior importância, *Insight. Um estudo sobre o conhecimento humano* (1957), é responsável basicamente por essas questões⁵³. Nessa obra ele busca descrever e esclarecer o fato cognitivo e suas implicações metafísicas e éticas. Constrói uma filosofia metódica, crítica e compreensiva sobre a inteligência humana, que busque permitir conhecer as operações mentais do senso comum até às do saber científico. Frederick Crowe, seu assistente e grande comentarista da sua obra afirma que:

Insight é uma obra que busca voltar a pensar profundamente a teoria do conhecimento com base em sete séculos de matemática, química, biologia, psicologia profunda, ciências sociais e humanas e filosofia moderna. O resultado claro foi uma transformação do método transcendental desenvolvido por Maréchal, corrigido e completado por Kant: uma apropriação crítica da estrutura cognitiva humana como fundamento de uma ciência e filosofia metódicas⁵⁴.

Concluindo essa seção, talvez seja possível considerar Lonergan um teólogo moderno, com elementos céticos. A justificativa para tal afirmação já foi apresentada

⁵² PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e teologia. Tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 131-225; *Teoria de la ciencia y teologia*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981. TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 2010. Deve-se destacar que os protestantes foram os primeiros a apropriar a Modernidade na reflexão teológica.

⁵³ MARTÍNEZ, 2007, p. 86-87; LONERGAN, Bernard. *Método em Teologia*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 11-13; 17-119. A primeira parte dessa obra visa apresentar o que é o método transcendental, por meio dessa descrição e análise, Lonergan acredita ser capaz de mostrar a forma como a mente investigadora, seja ela de qual área for, funciona. LONERGAN, Bernard. *Insight. Um estudo sobre o conhecimento humano*. São Paulo: É Realizações, 2010.

⁵⁴ CROWE, Friderick. *Introduction*. In: LONERGAN, Bernard. *A first collection*. New York: Herder & Herder, 1967, p. 12-13.

nessa seção, cabe agora reunir os dados principais em forma de síntese, relacionando-os aos traços consensuais característicos da Modernidade. Lonergan buscou uma superação do pensamento medieval, esse é um dos traços característicos da Modernidade, principalmente no que se refere a superação do modelo científico fundamentado em Aristóteles⁵⁵. Ao passo que os modernos buscaram categorias céticas para criticar a lógica aristotélica, visando fundamentar a ciência de outra forma, Lonergan pode sofrer influência dessa forma de pensar, pois afastou-se da lógica como fundamentação científica em direção ao método. Apesar de que, como sugeriu Marcondes, alguns historiadores defendem a hipótese de que muitos pensadores modernos possuem traços e influências marcantes do pensamento Medieval⁵⁶. Lonergan, nesse campo, não defende uma total ruptura com a tradição mais antiga. Outra característica importante encontrada em Lonergan que pode relacioná-lo à Modernidade é a busca por um método empírico, que proporcione epistemologicamente a verificabilidade, a probabilidade e a viabilidade do conhecimento (traços céticos)⁵⁷. Lonergan acredita que o conhecimento é progressivo e qualquer forma de certeza quase sempre é ruim para o processo científico. Outro elemento que é um dos fundamentos para tal classificação é a valorização dada ao subjetivo. Lonergan busca formular um método que esteja fundamentado na experiência cognitiva do sujeito. Esse processo que é extremamente valorizado na Modernidade, notadamente iniciado em Descartes e levado às últimas consequências em filósofos como Kant. Lonergan é explicitamente influenciado por Kant. Assim como Kant, busca um método crítico.

4. Método transcendental, empírico generalizado e fundamental.

Nessa seção são apresentadas algumas das contribuições de Lonergan consideradas importantes para a teologia e filosofia. A questão do método. Em suas obras, é possível encontrar três termos diferentes para uma realidade comum. A primeira, método transcendental, refere-se ao caráter dinâmico e apriorístico da intencionalidade humana. A segunda, método empírico generalizado, quer expressar o que há de comum em todas as metodologias das formas de conhecimento observáveis. Por último, a metodologia fundamental, que Lonergan identifica com a filosofia, capaz de tematizar as operações e

⁵⁵ MARCONDES, 2007, p. 141-161.

⁵⁶ MARCONDES, 2019, p. 10.

⁵⁷ MARCONDES, 2007, p. 181-184.

o acontecer do conhecimento humano. Essas três nomenclaturas estão relacionadas à três facetas diferentes de uma metodologia maior ou da dinâmica básica da estrutura cognitiva humana. Martínez observa que Lonergan parte do campo cognitivo expandindo para o âmbito existencial, busca também com isso dar conta das intencionalidades do agir humano. Esse aspecto, salienta Martínez, é um dos mais explorados pelos que estudam o seu pensamento. Muitos chegam a afirmar que Lonergan privilegia o enfoque epistemológico⁵⁸. Nessa seção também é avaliada, no pensamento de Lonergan, uma das principais características presentes na Modernidade, a valorização do sujeito humano e a subjetividade como uma das fundamentações do conhecimento científico, além disso, elementos céticos.

No pensamento de Lonergan a experiência do conhecer humano se torna objeto de uma análise rigorosa. Nesse ponto é possível observar que o seu pensamento possui relações explícitas com a filosofia transcendental moderna, enquanto essa tem como objeto de reflexão a consciência sobre o mundo em direção à própria consciência, visando explicar como é o entendimento humano. Mura afirma que o método transcendental, como aparece em Lonergan, recebe o influxo claro da filosofia de Kant e da fenomenologia⁵⁹.

Como teólogo que fez um giro subjetivo, Lonergan entende que muitas operações do conhecimento humano são intencionais pois estão direcionadas a objetos, isso permite o sujeito tornar-se autoconsciente. Essas operações intencionais podem ser objeto de reflexão. Logo serão objetivados os conteúdos da consciência. Lonergan distingue quatro níveis de operações. Primeiro, o nível empírico, mais básico, onde o sujeito sente, imagina, quer, vê, mais básico. No segundo, o intelectual, o sujeito formula o experimentado no primeiro. O terceiro nível, racional, é aquele onde são formulados juízos mais complexos, calcula probabilidades. No quarto, mais ético, o sujeito passa a interessar-se por si mesmo e a elaborar o valor de suas ações. Essas operações estão guiadas pelo *telos* do conhecimento⁶⁰.

Para Lonergan, um método não pode ser entendido como um conjunto de regras que leve a um resultado de forma deliberada. Ele busca apresentar um esquema de operações que produzem resultados progressivos e cumulativos. São progressivos pois os resultados novos possibilitam novos descobrimentos, e são cumulativos pois devem

⁵⁸ MARTÍNEZ, 2007, p. 88.

⁵⁹ MURA, 1999, p. 327.

⁶⁰ MARTÍNEZ, 2007, p. 89.

permitir uma síntese com o anteriormente válido. Esse esquema básico de operações é o que chama de método transcendental⁶¹. Ele afirma que “é um método, porque é um esquema de operações recorrentes e relacionadas entre si que produzem resultados acumulativos e progressivos”. É transcendental, também, pois não se restringe apenas a ser um método de um campo de investigação particular, sim porque exhibe as condições de possibilidade de todo conhecimento, enquanto o esquema de operações apresentado é um conhecimento à priori⁶². Tema central na discussão cética, a possibilidade do conhecimento humano, preocupação central em Lonergan.

Lonergan faz um convite ousado. Ele deseja que todo homem seja capaz de descobrir em si mesma essa realidade. Para nosso autor esse esquema é normativo, funcionando como uma espécie de critério, que possibilita julgar o que responsável, inteligente, atento e racional. Nesse aspecto o pensamento de Lonergan vai contra toda espécie de ceticismo, que problematiza a questão do critério. Visto que a busca pelo conhecimento é sempre intencional, o método deve ser capaz de proporcionar uma busca mais apurada pelo conhecimento, que tenha critérios de observação e revisão dos dados mais exigentes, para que as revisões corretas possam ser efetuadas durante o processo, para uma explicação mais provável. Nesse probabilismo talvez seja possível relações com o ceticismo mitigado da Modernidade. Além disso é possível encontrar traços de uma busca por superar problemas propostos pelo Ceticismo. Deve-se, para Lonergan, evitar toda espécie de juízo imaturo e rápido, o conhecer é um processo lento e gradativo, sempre em construção. O método deve cumprir uma função crítica. O método, além disso, deve ser parte constitutiva das metodologias particulares, como as ciências naturais, humanas, filosofia e teologia. Martínez observa que Lonergan abandonou a nomenclatura método transcendental, pois após a publicação de *Método em Teologia*, sua recepção não foi isenta de críticas e alguns mal-entendidos ligados estritamente a esse termo. Em resposta a tais questões e identificações passou a usar também, *método empírico generalizado*⁶³.

Não se trata de outro método, mas uma nomenclatura para a estrutura fundamental da consciência humana, um termo que seja um ponto de partida para desenvolver melhor outros elementos do método descrito anteriormente. Se chama empírico generalizado pois

⁶¹ BAENA, Bustamante Gustavo. *El método antropológico transcendental*. I: BAENA, Bustamante Gustavo. *Los métodos em teologia*. Bogotá: PUJ, 2007, p. 53-80.

⁶² LONERGAN, Bernard. *Método em teologia*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 21.

⁶³ MARTÍNEZ, 2007, p. 90-91.

é uma tentativa de Lonergan de tematizar seus conceitos por meio das observações dos métodos das diversas ciências. Nosso autor acredita que não é possível estudar a estrutura cognitiva humana sem atentar para as relações entre sujeito e objeto. Para ele a filosofia é a ciência mais básica e total, mas em sentido diferente do aristotélico. Para Lonergan um dos principais trabalhos do filósofo é refletir sobre as operações que os diversos cientistas realizam, para formular uma base comum a todos. A base comum, para o canadense, não é mais a lógica, sim o método (relações com a ruptura tradicional moderna). Mas ele não recusa o valor da lógica para a articulação e o rigor do pensamento. Lonergan acredita que as operações mais básicas não são lógicas, mas sim metódicas. Martínez afirma que o método empírico generalizado é:

Consolidado por meio da observação dos métodos particulares, que se desenvolvem em diversas disciplinas científicas. Atendendo aos dados da experiência externa e interna, descrevendo com maior precisão tais dados, encontrando dificuldades, formulando problemas, buscando soluções, compondo hipóteses, descobrindo novos pontos de vista, deduzindo pressupostos e implicações, planejando processos de controle mediante observação e experimentação, confirmando hipóteses ou a necessidade de uma revisão, recorrendo novamente a tal processo metódico, emitir juízos e decidir tendo como base a investigação feita⁶⁴.

Tal processo deve ser capaz de resultados progressivos, sintéticos e cumulativos. Realidade comum a todas as formas de conhecimento. Diz Lonergan:

Antes dos métodos das ciências particulares está o método empírico generalizado nascido da interação reflexiva entre a prática das operações das disciplinas particulares e o tematizar as operações que alguém realiza. Nesta interação, os termos e relações básicas da análise da intencionalidade se dá sua significação e verificação. Se dá sua significação porque o que significam os termos são as operações que alguém realiza de forma consciente, e o que significam as relações é o dinamismo consciente da espontaneidade sensitiva, da criatividade inteligente, a reflexão racional, e a liberdade responsável, que nos tornam conscientes de uma operação até a operação seguinte. Também se verifica porque as operações conscientes e o fundamento do dinamismo consciente a que se referem os termos e as relações estão sempre ocorrendo⁶⁵.

Para Lonergan, esse é o método da filosofia, a ciência básica e total. Em seguida buscar-se-á abordar brevemente o que Lonergan chamou de metodologia fundamental.

⁶⁴ MARTÍNEZ, 2007, p. 93.

⁶⁵ LONERGAN, Bernard. *Method, Journal of Lonergan Studies*, Vol 2, N. 2, 1984 Disponível em: www.lasalle.org.ar/sap/lonergan/textosdelecturadebernardlonergan.htm. Acesso em: 12/07/2020.

Em seu ensaio *Filosofia e fenômeno religioso*, Lonergan concebe a filosofia como metodologia fundamental. Ele acredita que essa condição é capaz de devolver à filosofia sua importância perdida (supostamente). A metodologia fundamental está dividida em três partes: teoria cognitiva, epistemologia e metafísica⁶⁶. Partindo dessa perspectiva, a metafísica não é a ciência básica e total, pois ela não deve se preocupar primeiro com os objetos, mas com as operações cognitivas. Nesse sentido, Lonergan visa introduzir a metodologia fundamental no lugar da metafísica. Nosso autor acredita que a filosofia atual está sob o imperativo do princípio empírico. As demais ciências possuem seus elementos, que são transformados em dados para a consciência. Essa relação é o dado da filosofia. A descoberta desse método, tem que se tornar, para Lonergan, uma filosofia entendida como metodologia fundamental, que proporcionara fundamento o critério para todos os métodos particulares. Para Martínez:

A filosofia como metodologia fundamental teria muito mais a dizer a teologia como sua orientação metódica. Não obstante, a teologia em si mesma, não se configurará em uma simples dedução do método, sim em sua aplicação. Isso significa que a atenção, inteligência, racionalidade e responsabilidade com que se aplicará esse método não recai no filósofo, sim no teólogo, que é quem conjectura as operações. Dessa forma, a filosofia, está livre da responsabilidade teológica, porém, como metodologia fundamental, pode dizer algo sobre a validade e a viabilidade de como procedem os teólogos ao fazerem teologia⁶⁷.

5. Reflexões metodológicas aplicadas à teologia

Como já foi explicitado, Lonergan dedica exclusivamente uma obra à metodologia teológica (*Método em Teologia*). Nessa obra, o jesuíta sintetiza e aplica muito do que compôs em sua obra filosófica de maior envergadura, *Insight*⁶⁸. Esse fato facilita a reflexão sobre as suas aplicações metodológicas em teologia, bastando refletir sobre a obra, não em suas produções teológicas. Essa abordagem pode parecer simplista, pois ele abordou essa temática em outras produções intelectuais, mas nessa reflexão, dentro dos limites que lhe cabem, buscou-se dar a devida atenção às tais. Essa seção deter-se-á apenas na questão metodológica aplicada à teologia, buscando apresentar as linhas mestras de sua proposta.

⁶⁶ LONERGAN, Bernard. *La filosofía y el fenómeno religioso*. In: Revista Universitas Philosophica No. 27, 1996, p. 131-158.

⁶⁷ MARTÍNEZ, 2007, p. 95.

⁶⁸ O número de referências explícitas ao *Insight* no corpo do texto e em notas de rodapé está por toda a obra. Lonergan deixa bem claro no texto, que *Método em Teologia* é um desdobramento natural das reflexões de *Insight* aplicadas em *Método em Teologia*.

Lonergan tem como objetivo principal, na segunda parte de sua obra *Método em Teologia*, elaborar uma estrutura na qual que todo aquele que pretende fazer teologia deverá seguir, ou segue, mesmo sem a tematizar. Ele distingue dois caminhos – ou direções – principais, e, o que ele irá chamar de: oito especializações funcionais, algo como que um percurso (qualquer semelhança com o percurso do cético é mera coincidência). A primeira direção é a recuperação da tradição teológica (apesar de buscar a superação de traços da escolástica, valoriza a tradição, mas defende uma atualização e uma nova maneira de abordagem), não desconhecer onde está inserido, a segunda está voltada para o presente e futuro. Quem deseja fazer teologia precisa estar consciente de que irá responder a um contexto cultural específico, visando o desenvolvimento cumulativo do conhecimento, pois um dia talvez seja parte dessa tradição, por isso a responsabilidade (uma preocupação ética, possível relação com o Ceticismo). As oito especializações funcionais são: investigação dos dados, interpretação, história, dialética, fundamentos, doutrinas, sistematização e comunicação. Essas operações estão inseridas nas duas direções anteriores, as quatro primeiras estão inserem-se na primeira direção, as quatro últimas na segunda. A seguir serão expostas em linhas gerais as oito especializações.

Investigação, a primeira. Trata-se de ter contato com as fontes. Nesse caso, as da teologia. As principais são as Sagradas Escrituras e os produtos da tradição. Visto que se irá buscar responder a um problema delimitado em um tema específico, é necessário um trabalho de catalogação retroativo da tradição e um levantamento de passagens específicas da Escritura⁶⁹. Nesse ponto é possível identificar semelhança com a primeira etapa do percurso do cético a *Sképsis* (investigação)⁷⁰.

A segunda, *interpretação*, é o trabalho que será realizado sobre os dados coletados na primeira. Lonergan chama a de tarefa exegética, visto que a palavra hermenêutica ou interpretação possuem significados muitos diversos. Consiste em julgar se a compreensão do texto ou a interpretação está correta; é eminentemente uma tarefa crítica, assim como o método proposto deve ser. É necessário buscar formas de expressar os dados de forma mais correta possível. Lonergan observa que o teólogo consciente de seus pressupostos presentes (intenções e pressupostos existenciais), de sua situação atual (horizonte), está mais apto a compreender os textos do passado⁷¹. Mura afirma que Lonergan é capaz de

⁶⁹ LONERGAN, 2012, p. 171-173.

⁷⁰ MARCONDES, 2019, p. 30.

⁷¹ LONERGAN, 2012, p. 175-196.

conjugar o momento metodológico da interpretação com as questões ontológicas e existências da hermenêutica em direção a uma fundamentação que assume as disposições mais válidas da hermenêutica clássica⁷².

A terceira, *história*. Ao contrário de muitos teólogos, Lonergan está convicto de que o homem é um ser histórico. A ciência histórica é complexa, pois por meio de dados tenta-se reconstruir uma vida ou uma época. Com isso acumulam-se hipóteses, perguntas e respostas. Lonergan crê que o fundamental para o historiador é recriar o contexto geral de um período, de uma comunidade, pois assim as formas particulares serão compreendidas melhor. Na teologia uma das tarefas da história é compreender os motivos de determinados desenvolvimentos doutrinários e teológicos, visando também reconhecer seus efeitos na tradição⁷³. Nessa etapa, Lonergan explicita de forma mais clara como o conhecimento científico (nesse âmbito, o histórico e o humano) é passível de progressão e aperfeiçoamento. Pois com o avanço do conhecimento histórico, supostamente, melhor se conhece a história.

Dialética, a quarta especialização. Lonergan afirma que essa especialização se ocupa dos conflitos. A orientações contrárias, hipóteses contrárias, muitas vezes também presentes no sujeito. Para Lonergan, em teologia, essa especialização é útil para trazer a luz o fundamento das diferenças subjetivas e das diferentes teorias, buscando o que ele chama de conversão intelectual, moral e religiosa. Essa tarefa valoriza o encontro de diferentes perspectivas, na esperança de que as diferenças sejam diluídas no diálogo aproximativo⁷⁴. Ao passo que no percurso cético, o conflito das doutrinas (*diaphonia*) leva a uma espécie de impasse (*aporia*)⁷⁵, Lonergan acredita que é possível diluir as diferentes posições e encontrar elementos em comum, que possam ser fundamento para prosseguir na busca de conhecimento. Nosso autor de certa forma busca uma superação dessa questão por meio da dialética. Esse aspecto de sua proposta metodológica está, possivelmente, relacionada à busca de superação dessas duas etapas do percurso do cético (*diaphonia* e *aporia*) empreendida pela Modernidade. Essa busca evitar o conflito ao passo que aceita a pluralidade de teorias e hipóteses⁷⁶.

Fundamentos. Nesse momento se busca fundar o processo de elaboração de uma determinada teologia sistemática. Lonergan propõe o sujeito como o fundamento, mas

⁷² MURA, 1999, p. 326-327.

⁷³ LONERGAN, 2012, p. 197-261.

⁷⁴ LONERGAN, 2012, p. 263-297.

⁷⁵ MARCONDES, 2019, p. 30.

⁷⁶ MARCONDES, 2019, p. 135-134.

não qualquer sujeito, deve ser aquele voltado para o seu horizonte último. É necessário um dinamismo transcendental adequado. Para Lonergan o sujeito fundamento é aquele que se converteu a uma determinada experiência religiosa, que lhe proporcionará categorias com as quais irá traçar o seu percurso teológico. Nesse caso não é uma espécie de fideísmo, de uma crença injustificada em uma suposta revelação. Lonergan crê que a disposição cognitiva do convertido é um pressuposto para o fazer teologia. Essas categorias são os conteúdos das fontes, abordadas na primeira especialização. Essas são mutáveis, pois com o amadurecimento religiosos e intelectual o sujeito autocrítico é capaz de revê-las e aperfeiçoá-las⁷⁷. Amadurecimento, mutabilidade do acesso e interpretação das fontes e autocrítica, podem ser entendidos como traços da dúvida moderna, que funcionaria como um mecanismo de precaução contra uma fundamentação equívoca.

Doutrinas, a sexta especialização. O teólogo é herdeiro de uma determinada tradição doutrinária, com a qual irá escolher qual o sentido de vida que a ele se propõe. O teólogo decide ou não se se enquadra em determinada tradição. Ao assumir uma tradição o teólogo irá autenticamente ou não a transmitir. A tradição pode ou não ser transformada nesse processo comunitário e dinâmico. Lonergan acredita que as doutrinas necessitam constantemente de serem adaptadas aos contextos culturais daqueles sujeitos que irão decidir em favor dela e justificar o fundamento de sua ação nela. O teólogo é capaz de interpretar dentro da tradição os conteúdos do passado, Sagradas Escrituras, Padres da Igreja, Grandes Concílios, Magistério, nesse processo ele é um elemento fundamental para a transformação do sentido e a aplicação dos conteúdos dessa tradição. A própria comunidade é interpretativa, as doutrinas são resultado natural desse processo, cabe ao teólogo estar consciente disso e saber usar de forma correta e responsável tal conteúdo⁷⁸. Nesse aspecto é possível talvez encontrar em Lonergan uma espécie de dúvida por antecipação. Para ele, deve-se duvidar de que a doutrina atual satisfaz plenamente as exigências do presente e se ela será capaz de responder às exigências imposta no futuro.

Na *sistemática*, sétima operação, o teólogo é capaz de dar sentido aos conteúdos e valores cristãos no contexto cultural em que vive. Lonergan é cristão e é explícito que busca elaborar um método mais próximo da tradição católica, apesar dele próprio expor que possui sensibilidade ecumênica nessas questões metodológicas. Não se trata, para Lonergan de provar alguma afirmação, mas sim de tornar, fazendo uso da filosofia e das

⁷⁷ LONERGAN, 2012, p. 299-327.

⁷⁸ LONERGAN, 2012, p. 329-370.

demais ciências, mais pleno de sentido possível o conteúdo de determinada tradição ou religião (aqui Lonergan amplia o arco). Se evita provar ou arrogar certeza sobre algo. É possível detectar uma espécie de dúvida sobre o que se busca conhecer e afirmar. Mas então por que continuar a buscar se não é possível certeza sobre algo? Tendo em vista que esse algo é o fundamento sobre o qual se busca viver e compreender o sentido da vida. Tal ação etapa do método, pode ajudar na superação de traços fundamentalistas, proporcionando o diálogo entre as diferentes tradições cristã e religiosas. Atitude semelhante à proposta por Montaigne no século XVI. Na sistemática, nosso autor acredita que é possível ao teólogo dialogar e se relacionar com os diversos ramos do saber⁷⁹.

A *comunicação*, a última das especializações, é a responsável por expressar o mistério da religião cristã, que é, em Jesus Cristo, crida como a autocomunicação doadora de Deus. E a Igreja, segundo Lonergan surge dessa dinâmica e dela deve viver, da autodoação. Nisso consiste o amor, segundo a tradição judaico-cristã. Comunicar ao outro a mensagem significa para nosso autor, é levar ao outro a mesma significação, tarefa difícil, pois Lonergan acredita que para cada sujeito a mesma mensagem é passível de uma significação e um sentido diferente. Nesse sentido a pluralidade e o que é relativo pode ser valorado positivamente (traço característico da modernidade). Deve-se viver (elemento ético, semelhante à preocupação das filosofias helênicas), pois caso contrário a comunicação se torna falha, aqui Lonergan identifica um dos maiores erros da história cristã. A mensagem cristã está sempre posta em uma cultura determinada, pressupõe sempre um diálogo cultural. O teólogo deve estudar a cultura a que se propõe comunicar. Nessa especialização é possível observar que para Lonergan a teologia é também um serviço pastoral para a Igreja e da Igreja ao mundo⁸⁰.

6. Considerações finais

Da reflexão fica posto que se há qualquer Ceticismo em Lonergan, esse está mitigado, forma de ceticismo encontrada em algumas correntes de Ceticismo Moderno⁸¹. A ciência moderna adotou uma espécie de probabilismo hipotético, esse elemento é verificável minimamente no pensamento de nosso autor, pois defende a não certeza das questões e um conhecimento cada vez mais sólido e aprofundado. Não é possível

⁷⁹ LONERGAN, 2012, p. 371-390.

⁸⁰ LONERGAN, 2012, p. 391-405.

⁸¹ MARCONDES, 2019, p. 38-41.

encontrar em Lonergan um dogmatismo negativo, por isso a presente reflexão buscou salientar em seu pensamento a dúvida humilde. Por buscar formular um método transcendental, adota uma espécie de metafísica, como afirmou-se citando alguns comentaristas, logo é possível descartar a negatividade dogmática e defender talvez uma dogmática positiva. Mas em contrapartida, não contradizendo o seu pensamento é possível detectar que a dúvida humilde, funciona como uma espécie de remédio contra a certeza cega, contra afirmações imaturas.

Lonergan definiu a teologia como “uma mediação entre determinada matriz cultural e o significado e função de uma religião dentro dessa matriz”⁸². Martínez afirma que um dos maiores objetivos do nosso autor, enquanto metodólogo, foi mostrar em que consistia essa mediação, apresentando as especializações, que seriam algo como que um percurso, que a comunidade teológica deveria percorrer. Esse caminho é dinâmico, pois cada especialização completa a outra, assim como o trabalho de uma comunidade científica se desenvolve em conjunto. Lonergan deixou bem claro que a sua função era mostrar as tarefas, não realizar, apesar de ter feito teologia. O que Lonergan propôs, não deve ser compreendido de forma alguma como uma fórmula mágica, que deve ser seguida cegamente, muito pelo contrário, as perspectivas que ele mostra incita os teólogos a criatividade, crítica e trabalho em conjunto. Além disso deve ser um produto que se renove constantemente⁸³.

Outra perspectiva de conclusão é aquela onde pode-se entender, segundo Lonergan, a filosofia como uma metodologia fundamental. Nessa direção a investigação de Lonergan esbarra com múltiplos questionamentos que procedem da própria tradição filosófica, que de distintas correntes reflete e interpela as noções de sujeito, verdade, fundamentação e método. Além disso Lonergan privilegia notadamente e explicitamente o cognitivismo em sua investigação. O pensamento desse autor é importante, deve-se reconhecer suas contribuições, apesar de saber que assim como todo sistema de pensamento, está sujeito a circunstâncias e o contexto cultural de seu surgimento. Além disso está sob suspeita, dúvida, evolução progressiva, por meio de probabilidades, aguardando ulteriores desenvolvimentos empreendidos pela comunidade teológica e filosófica. Desejo explícito desse pensador, teólogo e filósofo.

⁸² LONERGAN, 2012, p. 11.

⁸³ MARTÍNEZ, 2007, p. 99-100.

Referências

- BAENA, Bustamante Gustavo. *El método antropológico trascendental*. I: BAENA, Bustamante Gustavo. *Los métodos em teologia*. Bogotá: PUJ, 2007, p. 53-80.
- CASTAGNOLA, Luís; PADAVONI, Umberto. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.
- CROWE, Friderick. *Introduction*. In: LONERGAN, Bernard. *Collected Works. Vol. 1*. New York: Herder & Herder, 1967, p. 12-25.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
- _____. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola. 2012.
- HENRIQUES, Mendo Castro. *Bernard Lonergan. Uma filosofia para o século XXI*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- _____. *Bernard Lonergan e o Insight*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- HERÁCLITO, Fragmentos. In: *Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Os pensadores originários*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 69-105.
- LINS, Ivan. *Erasmus a Renascença e o Humanismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LONERGAN, Bernard. *Insight. Um estudo sobre o conhecimento humano*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- _____. *La filosofía y el fenómeno religioso*. In: Revista Universitas Philosophica No. 27, 1996, p. 131-158.
- _____. *La teologia y otras disciplinas (Una mente despierta)*. Conferencia em el Thomas More Institut de Montreal (25/02/1969). Disponível em: www.lasalle.org.ar/sap/lonergan/textosdelecturadebernardlonergan.htm. Acesso em: 12/07/2020.
- _____. *Method, Journal of Lonergan Studies*, Vol 2, N. 2, 1984 Disponível em: www.lasalle.org.ar/sap/lonergan/textosdelecturadebernardlonergan.htm. Acesso em: 12/07/2020.
- _____. *Método em Teologia*. São Paulo: É Realizações, 2012.
- _____. *Theology in its new context*. In: RYAN, Walter; TYRRELL, Brendan (Eds.). *A second collection*. London: Darton Lorman, 1974, p. 55-67.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia. Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro Zahar, 2007.
- _____. *Há Ceticismo no pensamento medieval?*. In: BONI, L. Alberto. *Lógica e linguagem na Idade Média*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1995.
- _____. *La inocencia por la que se debe luchar: el escepticismo y la idea de filosofia como terapia*. In: Revista Latinoamericana de Filosofia, v.19, 1993, p. 81-96.
- _____. *Juízo, suspensão de juízo e filosofia cética*. In: Kriterion: Revista de filosofia, Belo Horizonte, 1996.
- _____. *Raízes da Dúvida. Ceticismo e filosofia moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- MARTÍNEZ, Martínez. Dário. *Bernard Lonergan, un itinerario metodológico para la teologia*. In: BAENA, Bustamante. Gustavo. *Los Métodos em teologia*. Bogotá: Editorial PUJ. 2007, p. 81-101.
- MURA, Gaspare. *L'ermeneutica come verità e metodo: Lonergan*. In: MURA, Gaspare. *Ermeneutica e verità. Storia e problemi della filosofia dell'interpretazione*. Roma: Città Nuova Editrice, 1997, p. 326-336.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e teologia. Tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. *Teoria de la ciencia y teologia*. Madrid: Ediciones Cirstandad, 1981.

- PAUL, Gilbert. *Introdução à teologia medieval*. São Paulo: Loyola, 1999.
- GIUSTINIANI, Pasquale. *Bernard Lonergan*. São Paulo: Loyola, 2006.
- POPKIN, Richard. *História do Ceticismo de Erasmo à Espinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 2003.
- PORCHAT, Oswaldo. *Vida comum e Ceticismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 2010.
- UNAMUNO, Miguel. *Do sentimento trágico da vida*. São Paulo: Hedra, 2013.

Recebido em: 28/04/2021

Aprovado em: 30/09/2021